

1ª PARTE

Estudios

OS MORTOS ESCREVEM DO ALÉM?

Itamar Espindola

Muitos crêem nas mensagens "enviadas" do outro mundo, acreditam na chamada psicografia.

A escrita automática ou psicografia é a linguagem registrada sem a intervenção da vontade do agente, então no estado de consciência reduzida. Mas, para uns, o conceito é diverso: a manifestação de um ser espiritual, através de escrita, tendo como instrumento intelectual o chamado médium.

Ora, grande parte das ações humanas se processa via inconsciente, subliminar. Quando se guia um carro, não pensa em acionar a primeira marcha ou a segunda. Quando se anda, não se está preocupado em colocar o pé direito ou o esquerdo. Ao tocar, o pianista não se conscientiza quando põe os dedos nas teclas adequadas. O datilógrafo tem inicialmente dificuldade no encontrar as letras certas. Depois, com o passar do tempo, age velozmente, sem ver onde estão batendo os dedos. É o chamado automatismo. Também as funções da vida orgânica acham-se inseridas neste mesmo campo, a digestão, a respiração e a circulação. O hipnotizado e o sonâmbulo praticam várias ações sem consciência dos atos pertinentes.

Em nenhuma dessas ocorrências está presente o espírito de um morto.

Quando o indivíduo tem o lápis ou a caneta entre os dedos, e começa a escrever, sem a intervenção da vontade consciente, diz-se estar produzindo escrita automática. Isto pode acontecer no estado de vigília ou não.

A escrita do médium resulta de idéias do quase inconsciente.

Quando estenógrafo, minha mão desliza sobre o papel com facilidade extraordinária, apanhando discursos ou mesmo colhendo pensamentos próprios.

Toda produção advém do interior do indivíduo, a maior parte proveniente de aprendizagem. Certa vez testei um aluno da antiga Escola Preparatória de Cadetes de Fortaleza, um nissei. Hipnotizado, escreveu duas folhas de papel ofício. Retornando ao estado vígil, admirado ficou ao ler a escrita de sua autoria.

Riqueza imensa de conhecimentos está no inconsciente de cada um. Tenta-se em determinado momento fazê-la vir à tona, e não se consegue o objetivo. Mas, sob hipnose, retorna fácil. Não há necessidade de intervenção de espírito alheio.

Grande é o número de indivíduos falantes durante o sono. Recitam trechos de produções de vários autores. Em vigília, são incompetentes para tanto. Se

for realizada pesquisa, verifica-se ser incontestável haverem, algum dia, lido o assunto em livros, revistas, jornais ou escutado em estações de rádio ou na televisão.

Pessoas submetidas a cirurgias têm ditado poemas de cor aprendidos há muitos anos, quando ainda na infância. Estavam retidos. Voltaram por efeito da anestesia. Nada do Além. Nada de preternatural.

Os atos de natureza psíquica arquivam-se na memória, e dela não saem se antes não entrarem, segundo conhecida regra psicológica.

Em *Mistérios e realidades deste e do outro mundo*, seu autor refere-se a curioso fato com um Médico setuagenário. Bastante fadigado, estava em repouso, quando foi despertado para um parto difícil. Fê-lo com perícia, usando o instrumento necessário. A criança nasceu aparentemente sem vida. Após meia hora de esforço, o esculápio conseguiu torná-la ao estado normal. Depois, o obstetra voltou pra casa, e dormiu novamente. Ao acordar, perguntou à esposa se havia sido chamado para uma parturiente, pois sonhara a respeito do evento. A mulher respondeu afirmativamente, acrescentando ter ele voltado da casa da cliente. A admiração foi grande, porque o doutor não se lembrava da ida nem da volta nem da visita. Todavia, o inconsciente comandara tudo.

Como já dissemos, a força da produção do inconsciente é extraordinária. Mas não exige a presença de espírito de pessoa morta. Muitos indivíduos introvertidos, tristes, de pouca conversa, tornam-se extrovertidos, alegres e palradores. Há vários anos, um colega ia ao Clube do Advogado. A partir do terceiro uísque — ele até então calmo e taciturno, como de costume — passava a falar demais e tornar-se inquieto. Expunha idéias atraentes, como revelação de conhecimentos não antes demonstrados. Criticava grosseiramente os companheiros de mesa, quando o seu normal era o cavalheirismo. Transformação fruto do inconsciente, estimulado pelo álcool. No dia seguinte, de quase nada guardava lembrança.

Outro exemplo está no caso do sonâmbulo. Dormindo, sai da cama, percorre a casa, sobe escada, anda sobre o muro como autêntico equilibrista. Depois, volta para o leito, e continua a dormir. Agiu guiado pelo automatismo.

Quantas vezes o leitor não há voltado da calçada para verificar se fechou a porta? No entanto, fê-lo com precisão, usando a chave própria. O inconsciente efetivou o necessário.

Os psicanalistas pesquisam o inconsciente das pessoas, e descobrem a causa de certos distúrbios da mente, conseqüências de fatos não lembrados até então pelo cliente.

Em todas as ocorrências mencionadas não se cogita da presença de espírito de pessoa do outro mundo.

Assim, quem psicografa retira do inconsciente a produção escrita, adormecida no inconsciente. Procederia da mesma forma se hipnotizado ou sob a ação de alucinógenos ou sob o domínio do álcool. Em verdade, o inconsciente é um carro a conduzir-nos imperceptivelmente sobre os trilhos da vida diária.

Sobre o mesmo tema: A forma melhor para memorar as ocorrências fotografadas pela mente é entrar em transe, definido por Robert Amadou como o

estado de dissociação caracterizado pela ausência de movimentos voluntários e, muitas vezes, pelo automatismo da atividade ou do pensamento. É sinônimo de estado mediúnico, hipnótico. Em Parapsicologia, entende-se geralmente por transe o estado de inconsciência mais ou menos profundo, durante o qual pode manifestar-se alguma atividade paranormal. Muitos, porém, quando se fala em transe, têm a idéia de recepção de espírito do outro mundo. Abre-se, aí, área propícia para crença em mensagens extraterrenas e conceitos esquipáticos. Surge então, lembra o Médico Osmard Andrade Faria, poderosa tendência de as idéias se exteriorizarem. Compare-se, prossegue Osmard, “à luz dos conhecimentos de reflexologia, o que acontece numa sessão de incorporação espírita. O ambiente, livre de excitações concorrentes, à meia-luz, em silêncio unguído de afetividade religiosa. Se num terreiro de Umbanda, os tambores, os ritmos, as marcações metódicas, compassadas, graves, soturnas, monótonas. Se num centro Kardecista, concentração mental e a palavra de um presidente de sessão, uma oração em voz pausada, ritmada, débil. Em ambos, o pensamento firmado num guia, numa entidade sobrenatural, num foco de excitação permanente e forte.

Temos aí perfeitamente caracterizado o *rapport*, o foco de excitação inicial, o pensamento verbal ou figurado, a sinalização por condicionamento do segundo grau pelo exemplo, pelo ambiente, pela palavra, numa sobrecarga sinalizadora. Num cérebro onde predomine a instabilidade dos entrechoques excitado-inibitórios, está a inibição, por indução recíproca violenta e intempestiva, domina rapidamente todo o córtex cerebral dos crentes. E instala-se em toda a plenitude um estado auto-hipnótico, com suas clássicas manifestações hipnagógicas, seus estados de fase, suas inibições sensitivas, motores, alucinações etc. (*Hipnose e Letargia*, págs. 197/8.)

Ainda com a palavra o Médico Osmard Andrade Faria: “Por sobre excitação sensorial e visual, o médium vê a quem deseja ou precisa ver, caracterizando este fenômeno alucinatório as clássicas vidências; por projeção hiper-sensorial auditiva positiva, ouve vozes imaginárias, elaboradas dentro do seu próprio córtex cerebral; por glossolalia, mímica verbal, excitação vaso-motora, reproduz aqueles sons que, na sua percepção, e guiado pelo exemplo, supõe representarem a voz e o modo característico de falar, numa falsa linguagem atribuída a supostos caboclos — que curiosos! — falam todos a mesma língua, usam os mesmos maneirismos verbais, empregam os mesmos neologismos, imprimem à palavra as mesmas inflexões, seja qual for a origem, a nacionalidade e a época em que viverem; por economia motora automática, repetição de gestos, rabiscam papéis e escrevem mensagens que seus cérebros elaboram e são atribuídas a supostos guias espaciais”. (*Hipnose e Letargia*, pág. 198.)

Isto ocorre também com os desenhos, palavras e pinturas, pois o fenômeno pertence à mesma área da psicografia.

Não é imprescindível o ambiente ora descrito. Já tive ensejo de estado semelhante, em sessão de hipnose. Tratava-se de um kardecista. As idéias assimi-

ladas na comunidade levaram-no a falar em encarnações passadas, a discorrer sobre sua família de alta nobreza.

Quando o percipiente ou hipnotizado não adota idéias reencarnacionistas nem há ouvido referências no assunto, não dá informe, máxime se agnóstico ou materialista. Não fala em vida anterior.

Desejava eu ler mensagens ditadas por Einstein, Horário e Cícero. Não vou longe, não. Seriam suficientes as dos saudosos amigos, meus conhecidos de perto, Adalberto Rodrigues de Albuquerque, Araken Carneiro, Rui Guedes e Manuel Lima Soares (Néo), estes dois, espíritas, Enedina Furtado Bezerra, Terezinha Gonçalves, Valmir Ponte, Arimatéia Diniz, Oswaldo Riedel, Moacyr Telles e Lincoln Mourão Matos.

Jamais um médium aceitou desafio para psicografar com outro, entrecruzando, mensagens do mundo maior. Prêmio alto é ofertado, mas ninguém se candidata.

Gostaria de ler comunicação sem a corrigenda de intelectual da Federação Espírita, passada diretamente das mãos do médium para uma pessoa confiável. Lembro-me de uma sessão espírita da qual participava um "irmão". Jamais vi tantos solecismos, cacófatos, erros de regência. E o "espírito" invocado era o de um sacerdote ilustrado!

Guardo o recorte do Unitário de 7 de dezembro de mil novecentos e setenta e três. Nele está transcrita mensagem do "Além", "enviada" por Rui Barbosa, através do psicógrafo Rodrigues. Cito apenas dois textos: "Nunca se afete esta juventude, a quem dirijo-me". "Nunca abalaria-me do meu silêncio..."

Há trechos "delicioso" de incorreções crassas, de ênclise singular, também a um purista da língua. Abalam os ouvidos dos vernaculistas.

Recordo-me também de jacosca resposta de um médium, antes da viagem do homem à lua: "Nesse planeta não há atmosfera. Impossível ao homem ir até lá. No sol porém existem habitantes porque Deus lhes forneceu corpo capaz a calor". Não é uma gracinha?

Pessoas têm deixado com parentes sérios mensagens conhecidas somente por estas. Prometeram vir comunicar-se com os vivos. Porém não o fizeram.

Pergunta-se como explicar na psicografia a semelhança entre a letra do falecido e a do médium. Antes de tudo, anotar não ter a semelhança, o significado de equivalência, igualdade. É simples pareença. O médium não escreve a mensagem com a mesma letra do morto. Imita-a, falsifica-a. Para tanto é indispensável conhecê-la previamente, através de documentos do punho do falecido, por ele deixados. Deste modo, torna-se fácil a contrafação, nos traços, na forma, guirlandas e inclinações fora do alimento.

Há dotações de capacidade excepcional no campo da imitação gráfica. Olham para a letra, e logo a reproduzem facilmente. Mesmo um bom técnico em Grafologia encontra problema em distinguir a letra falsa da verdadeira, se a reprodução houver sido feita por grande falsificador. Conheço casos neste campo.

As "mensagens do outro mundo" despertam muito interesse e curiosidade. Os livros sobre elas dão bom rendimento.

A viúva de Humberto de Campos pleiteou em juízo direitos autorais relativos as mensagens "enviadas" por seu marido, apontadas como recebidas por um médium. A Justiça decidiu fazer jus à litigantes apenas aos referentes às obras escritas pelo famoso romancista. Quando à matéria psicografada, os direitos respectivos pertenciam a Chico Xavier, autor da produção do "Além". Descartado, pois o fato de falecido escrever lá do Mundo Maior.

O Dr. Grasset (Joseph), Médico francês, disse ter o médium viva imaginação poligonal. Pensa encarnar o espírito de um mundo. Troca de personalidade, adapta-se às hipóteses sugeridas, tal indivíduo hipnotizado.

Mons. André Viana Camurça, Teólogo de efetiva autoridade, apreciado Jornalista, bom no Latim, no Grego e na Retórica, além de Acadêmico e mestre de muitos, teve há anos sua anunciada pelos órgãos de divulgação, quando viajava pelo estrangeiro. À sua residência compareceram médium com recados do "falecido", endereçados à genitora de André. Mas o óbito não ocorrera! Era notícia nascida do engano. E até hoje o estimado sacerdote continua vivo e saudável, pretendendo ultrapassar o centenário. Em entrevista a este jornal, de 13 de novembro de mil novecentos e oitenta e três, Camurça declarou: "Há pessoas de concepção fértil, traduzem os próprios pensamentos em visões, outras, repletas de sensibilidade, projetam fantasia para a realidade. Há quem sonhe acordado em noite de lua. O medo ajuda também a ver muita **visage**".

Em conclusão, a escrita automática ou psicografia é fenômeno daqui mesmo, psicológico, fruto da imaginação fecunda, consequência da boa-fé e do desconhecimento do assunto.